

ENTREVISTA COM NOTA DE RODAPÉ

“O Nota de Rodapé é um programa de rádio, no formato *talk show*, idealizado depois do resultado das últimas eleições presidenciais, que busca falar sobre pesquisa acadêmica das áreas das ciências humanas de um jeito simples trazendo pessoas da área para conversar sobre suas trajetórias e... suas pesquisas. O objetivo do programa é aproximar a população, a que está do outro lado dos muros da academia, dos trabalhos que vem sendo desenvolvidos, dos pesquisadores e professores. Tentamos também mostrar para o público que ninguém nasce pesquisador: é um trabalho como qualquer outro e fundamental para a sociedade. O Nota de Rodapé vai ao ar às segundas-feiras, na rádio AntenaZero, e os vídeos entram no nosso canal do *YouTube* ao longo da semana.” @nota_de_rodape

Giovanna Nardini é mestranda em História Social pela Unifesp, atualmente desenvolve pesquisa sobre as relações entre imprensa e trabalho feminino.



Jonathan Portela é historiador, doutorando pela Unicamp, pesquisador associado ao IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) e recorrente consultor do portal G1. Atualmente é apresentador do programa “Nota de Rodapé”, talk show exibido pela rádio Antena Zero, que traz pesquisadores do mundo das ciências humanas para discutir e debater temas ligados a história, sociologia, filosofia, entre outros. É especialista em História Contemporânea e Estudos Africanos, atualmente desenvolvendo pesquisa sobre grupos nazistas na África do Sul. Tem como temas de interesse Futebol, África, Neocolonialismo e Totalitarismo.



Hydra: Em primeiro lugar, agradecemos muito a disponibilidade em ceder uma entrevista para este número da Hydra. Queremos começar perguntando como surgiu a ideia de criar o Nota de Rodapé? Aliás, além de possuir um instagram movimentado, quais outros meios vocês encontraram para uma comunicação maior?

Nós é que agradecemos à Hydra pela oportunidade de falar sobre o programa!

A ideia de criar o Nota de Rodapé surgiu depois das últimas eleições, onde ficou evidente que a propagação de *fake news* era alarmante. Percebemos que as pessoas acreditavam em coisas absurdas, mesmo havendo quem desenvolvesse pesquisas sérias que comprovassem o contrário – por exemplo, o nazismo ser de esquerda. Vimos que a pesquisa acadêmica tinha perdido muita credibilidade e, por isso, resolvemos criar um meio de aproximar os pesquisadores da população. É um ato pequeno, mas hoje em dia muitas pessoas estão se mobilizando em projetos semelhantes, o que é muito bom. Quando a rádio AntenaZero nos deu a oportunidade, o programa começou.

A rádio é o nosso principal meio de produção de conteúdo, lá há cerca de ouvintes 70 mil ouvintes semanais. Temos também um canal no *YouTube*, onde entram todas as entrevistas que vão para a rádio, além de conteúdo exclusivo sobre questões mais pontuais. Temos também o *instagram*, como foi mencionado e uma página no *Facebook*. Mas, sem dúvida, a interação com o público acontece principalmente pelo Instagram, através de comentários, mensagens e os sorteios que fazemos de livros publicados pelos convidados e convidadas, além de obras da Editora Unifesp, nossa parceira.

Hydra: Há uma quantidade grande de contas no Instagram que estão voltadas para a divulgação científica. No entanto, ainda parece ser difícil romper com a “bolha” digital e conquistar seguidores que não sejam nem alunos e nem especialistas. Como vocês observam os seguidores? Ou seja, são principalmente alunos e professores ou fazem parte de um público maior?

Acreditamos que hoje o nosso público seja um pouco mais diversificado, ainda que tenha uma parcela bem grande de alunos e professores. Como o programa vai ao ar numa rádio que toca de tudo, desde programas sobre música punk até cinema, uma parte dos ouvintes vão para o *instagram* também.

Romper a bolha ainda é difícil, fazemos um esforço enorme para falar de um jeito mais coloquial, que não assuste as pessoas, que não faça o programa parecer um simpósio. Também tentamos trazer convidados de diversas áreas e instituições, tanto doutores como alunos do mestrado, para que fique variado mesmo.

Hydra: Nos últimos anos, Yuval Harari fez um grande sucesso como divulgador científico das humanidades. No entanto, apesar de criar um belo trabalho, ainda parece não atingir uma circulação tão capilarizada no Brasil – apesar de ser um best seller mundial. Vocês concordam? Aham que algum fator específico, ou fatores, contribuiu para isso?

No Brasil, há uma série de fatores que contribuem para que livros de especialistas não sejam tão consumidos. Os livros do Olavo de Carvalho, por exemplo, devem ser mais lidos que os do Harari, o que é bastante problemático. Como dissemos antes, o brasileiro tem um pé atrás com a academia, com um tipo de conhecimento que é muito institucionalizado.

Além disso, o brasileiro – em geral – não tem o costume de ler. Os livros são caros, as pessoas estão ganhando cada vez menos, as livrarias estão fechando. Enquanto não houver um programa de incentivo à leitura, enquanto isso não se tornar um hábito, esse tipo de leitura não vai alcançar a maioria das pessoas. Além disso, os livros dele são grandes, densos, quem depois de trabalhar 8h, pegar três conduções para chegar em casa consegue lidar com esse tipo de leitura? É complicado.

Por isto, o YouTube tornou-se uma fonte cada vez mais utilizada para se buscar um tipo de “informação/conhecimento” que o cidadão médio preteriu em detrimento aos livros oriundos de pesquisa. Neste tipo de plataforma, a linguagem é muito mais atrativa e de mais fácil “digestão”. Infelizmente, ainda há muito preconceito por parte da comunidade acadêmica para com esta forma de divulgação. Isto culminou em um certo domínio deste canal pela extrema direita, revisionista e negacionistas das ciências humanas.

Hydra: Não há dúvidas de que a internet ocupa um papel importante para as democracias modernas. Um exemplo disso foi o problema causado pelo Facebook durante as eleições norte-americanas. No Brasil, além da compra e manutenção de milhares de “robôs”, existem usuários dessas plataformas digitais, como Olavo de Carvalho, que conquistaram um número altíssimo de seguidores. Além de publicações físicas que são claramente negacionistas e que vendem milhares de exemplares. Como vocês enxergam a aproximação do público com esses discursos conservadores ou de extrema direita?

A aproximação entre esses grupos conservadores ocorre porque eles souberam se comunicar com o público e usar a internet a favor deles. Enquanto a maioria de nós não os levava a sério, ou achávamos que o

fascismo era um perigo que já estava enterrado há tempos, esses grupos utilizaram as ferramentas de maneira hábil e conseguiram falar o que muita gente queria ou precisava ouvir.

Esta extrema direita carregou consigo um grande rancor daqueles que optaram pelo caminho da produção científica. E souberam transportar isto para a população que com o tempo passou a trocar a televisão pela internet. Passou a ser comum você ouvir pessoas postando nas redes sociais teorias falaciosas como o tal do marxismo cultural. Corriqueiramente encontrou-se pessoas que, mesmo sem nenhum tipo de estudos minimamente rigorosos em relação ao método investigativo da história, pregam coisas como o nazismo ser de esquerda, a escravidão ter sido positiva para os negros e relativizações do período ditatorial brasileiro liderada por militares.

A perda de prestígio dos pesquisadores, resultado direto deste processo, pavimentou a execução do projeto de desmonte das universidades públicas em execução pelo governo. Símbolo disto é o próprio escolhido por Bolsonaro para ser ministro da educação. Uma pessoa sem uma carreira acadêmica notável, sem publicações relevantes com um histórico escolar bem abaixo da média.

Para que a população esteja do lado da pesquisa e da universidade pública contra o sucateamento promovido por Bolsonaro, é necessário que a comunidade acadêmica repense as formas de diálogo para fora de sua bolha.

Hydra: Recentemente, o ex-secretário da cultura, Roberto Alvim, fez uma fala repleta de semelhanças – podemos até mesmo dizer plágio – com a fala de Joseph Goebbels. Não existe a possibilidade de ser apenas uma coincidência, como afirmou Alvim, pelo fato de que as frases têm muitas semelhanças. No entanto, chama a atenção o fato de que mesmo depois de toda a repercussão negativa, Alvim ainda tenha demonstrado admiração

pelo discurso. O episódio demonstrou com clareza, mais uma vez, a linha de atuação dentro do Governo que é tentar, por várias frentes, o controle e o esvaziamento da produção artística e intelectual no Brasil. Além disso, é mais um dos momentos em que o Governo citou ou fez referência ao nazismo, um dos assuntos em que os negacionistas mais investem. Em vista de tudo que já falamos, vocês consideram que estamos conseguindo, através da internet, fazer uma espécie de contra ataque a esse, e a inúmeros outros exemplos, de mentiras e negacionismos de um governo que se sustenta por esses meios? Ou seja, os impactos gerados na internet se comparam com os impactos das falas do Governo?

É muito difícil fazer esse contra-ataque porque ainda estamos engatinhando nesse processo. Muita gente tem feito conteúdo na internet para lidar com negacionismos e falta de informação, mas ainda estamos aprendendo a usar essas ferramentas, enquanto esses grupos já as têm utilizado há muito tempo. Mas o objetivo é esse, lutar contra tal tipo de desinformação e mentiras que vêm circulando.

O cenário tende a melhorar com alguns passos que também estão sendo tomados dentro da universidade. Está cada vez mais comum professores e professoras pedirem trabalhos aos seus alunos em formato de vídeo para *YouTube*, o que é fantástico.

Aos poucos acreditamos que estamos conseguindo, é um esforço coletivo mesmo e bastante árduo. Muitas barreiras precisam ainda serem derrubadas, mas aos poucos avanços importantes são conquistados. A batalha agora é urgente e muito clara: evitar o fim da pesquisa, dos pesquisadores e da universidade pública, e retomar um contato mais próximo com a sociedade é o meio de amalgamar uma estrutura mais forte de defesa do conhecimento e da produção científica.